



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA



UFSC NA MÍDIA – CLIPPING 30 de julho de 2013

Diário Catarinense – Moacir PereiraGeral”

Despejo / Editora da UFSC

◆ A reitoria informa que o despejo da Editora da UFSC do prédio atual não está definido. No dia 7 de agosto o professor Fábio Lopes assumirá a direção da editora.

Diário Catarinense – Cacau Menezes

Despejo / Editora da UFSC / Fundação Cultural Banco do Brasil

Despejo

Alcides Buss está inconformado. Incrível, mas parece que estão despejando a Editora da UFSC de seu próprio prédio-sede, construído para esta finalidade exclusivamente com recursos da Fundação Cultural Banco do Brasil.

Notícias do Dia – Carlos Damião

“Edufsc” e “Prestígio”

Despejo / Editora da UFSC / Fundação Cultural Banco do Brasil

Edufsc

A Editora da UFSC, que já foi considerada uma das melhores do Brasil e uma das mais respeitadas do mundo acadêmico, está por um fio. A nova administração da universidade anunciou há poucos dias, aos servidores que trabalham na casa, que vai querer o prédio para outras atividades. Detalhe: o prédio foi construído na década de 1990 com fim específico (a editora), por meio de doação da Fundação Cultural Banco do Brasil.

Prestígio

A Edufsc, em tempos não muito remotos, já foi um dos orgulhos catarinenses, tanto no plano estadual, quanto nacional e até internacional. Ganhou visibilidade há mais de 20 anos, quando o escritor Salim Miguel assumiu sua direção e colocou a editora em destaque na mídia brasileira e em grandes eventos. Foi dirigida depois pelo poeta Alcides Buss, outro animador cultural batuta.

A Semana - Geral

“Dinheiro e felicidade”

Entrevista / Jurandir Macedo

Dinheiro e felicidade

Afinal, aquele ditado popular de que dinheiro não trás felicidade é verdadeiro? Assista entrevista sobre o tema com o professor da UFSC Jurandir Macedo, também consultor do Itaú, no www.diario.com.br.

STARTUP BRASIL

Projeto de SC é selecionado

Empresa de Florianópolis receberá R\$ 192 mil para equipamento que detecta precocemente a neuropatia

O Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) divulgou ontem as 56 startups – empresas iniciantes de base tecnológica – aprovadas para a participação no programa Start-up Brasil, que prevê investimento de até R\$ 200 mil em cada uma.

Entre as selecionadas da primeira chamada está a única de Santa Catarina, a InPulse Bioengenharia, de Florianópolis, com o projeto AFTScan.

De acordo com Jonas Pavei, um dos fundadores e diretor comercial da startup, a empresa irá receber R\$ 192 mil em bolsa de fomento – contratação de pessoal – para a finalização e inserção no mercado do produto que permite o diagnóstico precoce da neuropatia – doença do sistema nervoso decorrente do diabetes e que, caso não seja tratada em tempo, pode levar a pessoa ao óbito em até cinco anos após o diagnóstico.

– O AFTScan reúne um conjunto de pré-exames e, após o processamento dos dados por meio de um software que desenvolvemos, consegue detec-



Jonas Pavei (centro) e os sócios da InPulse mostram as placas de circuito que irão compor o equipamento

tar de maneira subclínica, ou seja, no momento assintomático, os sinais da neuropatia – explica Pavei.

Ele destaca ainda que o equipamento é desenvolvido em parceria com o Instituto de Engenharia Biomédica da Universidade Federal de Santa Catarina (IEB-UFSC).

Entre as selecionadas para o programa do MCTI, 45 são empresas nacionais e 11 internacionais.

O programa prevê que as startups passem pelas aceleradoras – organizações cuja missão é preparar a empresa para crescer rapidamente e conseguir investidores, focando na

melhora do modelo de negócios. Ao todo, foram selecionadas nove empresas com esse perfil e cada uma irá cuidar de cinco a seis projetos.

Esses investidores devem fazer aportes adicionais nas startups, com valores entre R\$ 20 mil e R\$ 1 milhão, ficando com uma parte do negócio.

Notícias do Dia – Cidade
“Fortalezas abrem para eventos”
Edital Espaço Vivo / Fortalezas / Secult

Notícias do Dia-Cidade-30/07/2015



Aluga-se fortaleza

Conceito. Eventos podem ser realizados em locais como São José da Ponta Grossa. Página 3

Fortalezas abrem para eventos

Espaço Vivo. UFSC lança edital para quem quiser promover atividades, eventos e festas

CAROLINA MOURA
carolina.moura@noticiandodia.com.br
@carolina_m0

Masmorra, quartéis e amplas áreas externas com cunhões e ruínas podem ser ocupadas para eventos por meio do edital que a UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina) lança hoje. O edital Espaço Vivo – Fortalezas está em sua segunda edição e vale para atividades acadêmicas, científicas, culturais, educacionais, religiosas e artísticas que forem realizadas entre 15 de setembro deste ano e 30 de março de 2014 nas três fortalezas administradas pela universidade: a Fortaleza de Santa Cruz de Anhatomirim, na ilha de Anhatomirim, Fortalém de São José da Ponta Grossa, no Norte da Ilha, e a Fortaleza de Santo Antônio de Ratones, na Ilha de Ratones Grande.

O objetivo do edital é propiciar à população a chance de usufruir do espaço das fortalezas. Isso já era feito no passado, mas até três anos atrás não era regulamentado. A partir de 2010, uma resolução normativa definiu os valores para aluguel de cada área das fortalezas e desde o ano passado é realizado o edital, para dar igual chance a todos os interessados em ocupá-las. Além da adequação ao espaço e preservação do patrimônio, estão entre os critérios de seleção a abrangência social da proposta, estabilidade, gratuidade ao público, experiência do proponente na área e valorização da cultura local ou do intercâmbio cultural.

Segundo o diretor do projeto Fortalezas, da Secult (Secretaria de Cultura da UFSC), Jói Cletison, os vencedores do edital têm prioridade sobre as datas que escolheram – caso sobrem vagas, outros projetos podem ser encaixados mais tarde. O prazo para fazer a inscrição vai até 30 de agosto.

Podem participar quaisquer pessoas físicas ou jurídicas, com exceção dos funcionários da universidade e parentes de até segundo grau dos membros da comissão de seleção. As fortalezas já foram ocupadas para atividades como ensaios fotográficos, gravação de filmes e espetáculos de teatro e música. Mas a tabela de preços prevê até casamentos e jantares. “O mais importante é o cuidado com o patrimônio. Um show de rock, por exemplo, derrubaria todas as ruínas com o som alto”, diz Cletison.



Patrimônio. Fortaleza de São José da Ponta Grossa, no Norte da Ilha, é um dos três espaços administrados pela UFSC em Florianópolis

Aluguel de masmorra, para 400 pessoas, é de R\$ 2 mil

Apesar de o edital ser democrático, não é tão simples usar uma fortaleza para fazer uma festa de aniversário – atividade que o diretor de Fortalezas Jói Cletison não descarta. Quem entra no edital não está isento das taxas de aluguel, determinadas pela resolução normativa 04/CC de 29 de novembro de 2010. A masmorra da Fortaleza

de Santa Cruz de Anhatomirim, por exemplo, tem espaço para 400 pessoas e pode ser alugada por R\$ 2 mil por dia. A Casa do Comandante, com capacidade para 50 lugares, por R\$ 800. Os preços para algumas áreas e eventos podem variar de acordo com o espaço a ser usado, o tempo de duração, as estruturas montadas e se o

proponente pede exclusividade na data. Para um casamento, por exemplo, o aluguel pode ir de R\$ 400 a R\$ 3.500. Para gravação de comerciais, DVDs e eventos artísticos, o preço cai pela metade se houver crédito para a UFSC na divulgação ou se a universidade participar em co-promoção. O edital está disponível no site da Secult: www.secult.ufsc.br.

Diário Catarinense – Variedades
"Fortalezas Disponíveis"
Edital Espaço Vivo / Fortalezas

DIÁRIO CATARINENSE
Variedades
TERÇA-FEIRA, 30 DE JULHO DE 2013
Edição: Fabiana Roca e Jacy Rogério
Diretor: Antônio de Almeida
Fone: (51) 3316-3361
Variedades@diariocatonline.br

Fortalezas disponíveis

Se sua proposta for aprovada no edital aberto hoje pela UFSC, um dos três fortes na Ilha de Santa Catarina administrados pela instituição pode ser seu por algumas horas ou um dia

Leia na página 4

(continua na próxima página)

Alugam-se fortes

UFSC lança hoje edital que permite à comunidade realizar eventos nas três fortalezas que administra



Como participar

Período de inscrições: até 30 de agosto. As propostas deverão ser entregues no Projeto Fortalezas/SciCult, de segunda à sexta-feira, das 7h às 17h, de escadaria da zona zero (Endereço: Campus Reitor João David Ferreira Lima, Bairro Trindade, Florianópolis, CEP: 88.049-970).

Categorias: a preferência é para projetos acadêmicos, científicos, culturais, educacionais, religiosos ou artísticos. Não é permitido sublocar as fortalezas. Em caso de desistência, depois do pedido aprovado via edital, a multa é de R\$ 1,5 mil.

Quem pode participar: pessoas físicas ou jurídicas, desde que não sejam servidores efetivos da UFSC ou parentes de membros da comissão de seleção.

Quanto a inscrição é gratuita.

Execução dos projetos selecionados: 15 de setembro de 2013 a 30 de março de 2014.

Resultado: 15 de setembro.

Mais informações: (48) 3721-8300 e www.scicult.br.

Saiba mais

- 1 **Fortaleza de Santo Antônio de Ratonês:** fica na Baía Norte e começou a ser erguida em 1740. Só pode ser acessada com barcos. Capacidade máxima: 150 pessoas.
- 2 **Fortaleza de Santa Cruz de Achabarantim:** começou a ser construída em 1739 na Baía Norte e tem acesso apenas pelo mar. Capacidade máxima: 500 pessoas.
- 3 **Fortaleza de São José da Ponta Grossa:** localizada na Praia do Forte, no Norte da ilha, teve sua construção iniciada em 1740. Capacidade máxima: 300 pessoas.

ROBERTA AVILA

Três fortalezas de Florianópolis estão disponíveis para shows, seminários, casamentos e eventos artísticos em geral.

Construídas no século 18 para garantir a posse dos portugueses na região da Ilha de Santa Catarina, as fortalezas Santa Cruz de Achabarantim, São José da Ponta Grossa e Santo Antônio de Ratonês agora podem ser "alugadas" entre 15 de setembro de 2013 e 30 de março de 2014 por qualquer pessoa que deseje utilizá-las por alguns dias ou mesmo algumas horas, desde que o evento não ofereça risco ao patrimônio. Para isso, basta se inscrever no edital Espaço Vivo 2013 - Fortalezas 2013/2014, lançado hoje pela Secretaria de Cultura (Secult) da UFSC, e apresentar um projeto que mesmo como e quando será utilizado o espaço. Os valores do aluguel variam de R\$ 500 a R\$ 8 mil.

De acordo com João Cláudio, coordenador e diretor do Projeto Fortalezas da UFSC, apenas algumas datas são reservadas para a universidade. No ano passado, lembra, também foi lançado um edital para uso das mesmas fortalezas e somente cerca de 10 dias foram reservados para a comunidade.

— Temos casamento, sessão de foto e jantares. O espaço é maravilhoso, mas as pessoas não têm o hábito de participar de editais e depois nos procuram fora do prazo querendo utilizá-lo, mas nós podemos vender — comenta.

O objetivo do edital é evitar que esses espaços públicos fiquem ociosos, porém é necessário observar uma série de subséquios. Se houver chance de danos ao patrimônio, o projeto não será aprovado.

— É preciso analisar o público e o tipo de som. Próximo à Fortaleza de São José vive uma comunidade, então não dá para fazer passagem de som às 2h da manhã, por exemplo. A atividade também tem que ser sustentável. Em Ratonês só temos energia solar, então é complicado aprovar um projeto que precise de gerador — explica.

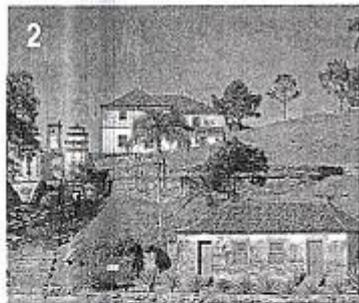
Mesmo com a possibilidade de realizar eventos, a prioridade para a UFSC é a visitação. Por isso as fortalezas abrem todos os dias do ano, exceto Natal e Ano Novo. Em 2012, elas receberam mais de 120 mil visitantes.

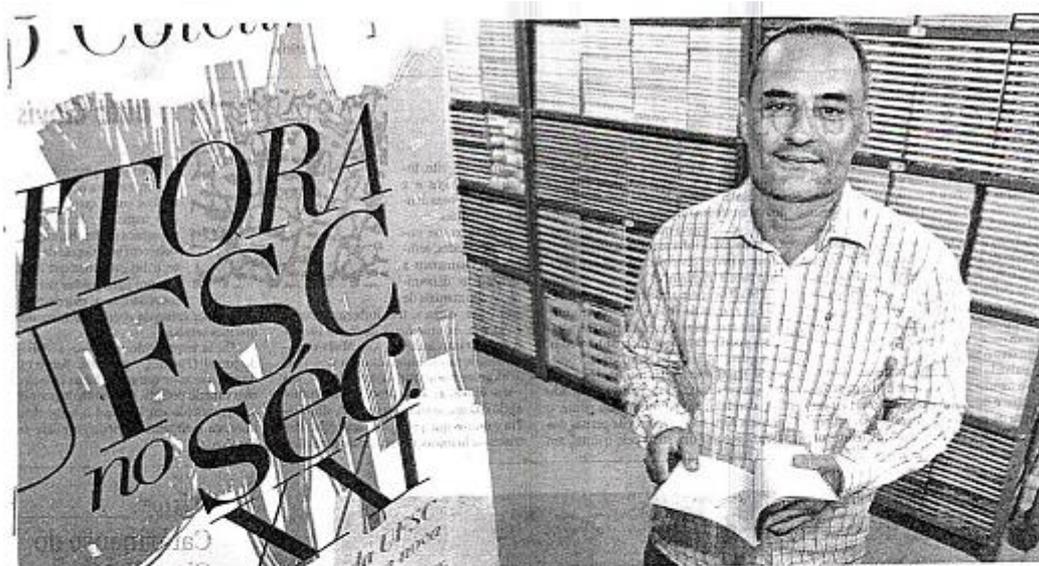
A Marinha e o Exército ocuparam as fortalezas até os décadas de 1950 e 1960. Nos anos 1980 a universidade arrecadou fundos para restaurá-las e pleiteou o direito de administrá-las. Há três ou quatro anos regulamentamos o acesso para uso eventual via pagamento de taxa pela comunidade. Esse é o segundo edital que lançamos — afirma o diretor.

roberta.avila@diario.com.br

diario.com.br

> Confira o edital de uso das fortalezas em www.scicult.br. A tabela de valores para realização de eventos nos locais está disponível no site www.scicult.br.





Projeto. Na direção, Fábio Silva afirma que obras de autores catarinenses não perderão espaço. Batismo de fogo será a organização da Feira Livro, programada para o próximo dia 12

Os novos rumos da Editora da UFSC

Mercado editorial. Novo diretor planeja novidades, como suplemento cultural e programa na TV UFSC

REGIS MALLMANN
regis.mallmann@noticiasodia.com.br

No cargo há 15 dias, Fábio Silva assume a tarefa de conduzir os rumos da EDUFSC (Editora da UFSC) com a condição – ou pelo menos o desejo – de ter apoio para implementar um punhado de novidades. Em sua maioria, são ações sintonizadas com as transformações impostas ao mercado editorial diante do advento dos novos formatos e plataformas da cultura mundial. Nessa perspectiva, no pacote de projetos que devem sair do papel ainda este ano, o mais ambicioso é o de um caderno de publicação mensal dedicado a ensaios sobre temas diversos, que poderão ir da literatura ao cinema, da política à filosofia.

Aos 40 anos, 20 dos quais dedicados à UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), o doutor em linguística, nascido em São Paulo e criado no

Rio de Janeiro, pretende fazer o que considera a continuidade do trabalho de seu antecessor, Sérgio Medeiros. Assim, a bem-sucedida aposta em edições de obras de autores renomados da literatura estrangeira – destaca para os filósofos contemporâneos –, está mantida. “O Sérgio conseguiu, com apoio do Conselho Editorial, realizar um trabalho que projetou nacionalmente a editora”, elogia. Mas agora, Mallmann, Derrida e outros pensadores de ponta passam a dividir com nomes da vanguarda brasileira e escritores de vários quadrantes o disputado espaço na prateleira do almoxarifado da editora.

Nesse contexto de transição, especula-se mais uma vez por ocasião da mudança no alto comando da EDUFSC qual será a fatia do bolo dedicada à escritura catarinense. Indagado sobre o tema, o novo diretor é enfático ao afirmar que obras de autores

do Estado não perderão espaço e serão mantidas no catálogo, mas que a idêntica é fazer do suplemento um veículo pluricultural, incluindo a divulgação da literatura e de biografias de criadores locais. “Só que a estratégia não segue a do Alcides”, referindo-se a Alcides Buss, o diretor que antecedeu Sérgio Medeiros e cujo trabalho diz ter seus méritos.

E é pela trilha da diversidade de temas, pensamentos e crítica que vai caminhar o sunhado caderno cultural, produto idealizado por Fábio Silva e sua equipe, um grupo de 20 pessoas, entre funcionários efetivos, estagiários e terceirizados. De certa forma já respaldado pela cúpula da Universidade ao ter seu nome indicado e aprovado para a vaga, ele precisa também de uma boa dose de jogo de cintura e fazer uso do poder de convencimento para obter consenso do Conselho Editorial a favor de seus planos.

Sintonia com a universidade

Tendo vencido a fase das “aprovações”, o agora editor pretende colocar o universo acadêmico em sintonia com a editora, um braço da UFSC que muitos estudantes sequer sabem existir. “Vamos fazer aproveitamento sistemático das redes sociais”, adianta, ressaltando que a expansão dos pontos de venda é outra meta.

Outro ponto acalentado pelo diretor diz respeito ao uso do espaço na TVUFSC, canal universitário cuja programação é dedicada em parte às produções do curso de Jornalismo. “Queremos um programa dedicado à literatura”, diz. Embora pautado pela diplomacia ao tratar de assuntos espinhosos, como basta de que a editora estaria sendo “despejada” para que o espaço fosse ocupado por outro setor acadêmico, Fábio Silva garante que a sede cumpre bem seu papel. “Aconteceu que a retórica sinalizou com o interesse de transferir-nos para um prédio novo, porém tudo não passou disso, por enquanto garante.

Feira do Livro com obras raras

Na luta para dar continuidade ao modelo da editora criado pela gestão anterior sem deixar de imprimir a nova identidade, Fábio Silva mobiliza toda a equipe à organização da Feira do Livro, programada para o dia 12. Além de ser o batismo de fogo do novo comandante, ela servirá de termômetro para avaliar o nível de disposição da comunidade universitária para atender ao chamado de se apresentar como seu potencial público.

Assim, estarão à venda livros que estão estocados no depósito, edições raras e até raridades. Um exemplo das pedrinhas é um volume – o último da editora – retratando o patrimônio arqueológico da Florianópolis de primeira metade do século 20. O preço real é R\$ 105,00, mas será vendido por R\$ 40. Outra curiosidade: o CD *Rosari/documentário* sobre as principais bromélias da flora catarinense, que de R\$ 35 poderá ser adquirido por R\$ 5.

Notícias do Dia – Especial

“Salto na qualidade de vida”

Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) / Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) / Qualidade de Vida / Geografia Econômica / José Messias Bastos

Salto na qualidade de vida

IDHM. Florianópolis tem o terceiro melhor índice entre as cidades brasileiras

SARAGA SCHIESSEL
saraga@noticiadodia.com.br
@saraga_MD

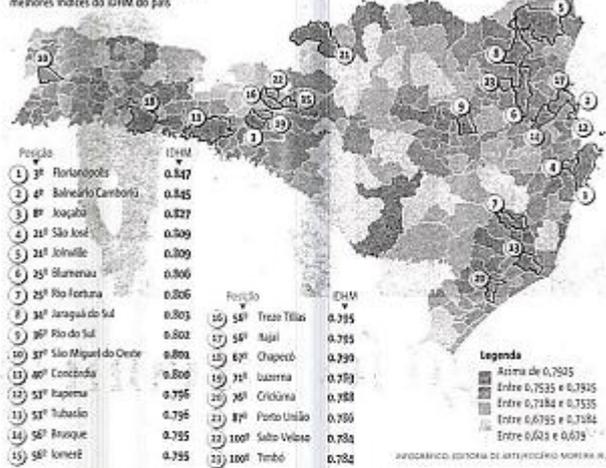
A qualidade de vida de quem mora em Florianópolis saltou 12,43% nos últimos 19 anos. Esses números fazem parte do ranking divulgado ontem pelo PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento), responsável pela elaboração do IDHM (Índice de Desenvolvimento Humano Municipal). Ele colocou os florianopolitanos em terceiro lugar no Brasil levando em consideração três pontos centrais: educação, longevidade e renda. Entre as capitais, Florianópolis é a primeira e, no contexto nacional, só perde para as cidades de São Paulo e Rio de Janeiro e para a cidade de São Paulo e Rio de Janeiro.

Entre os cem melhores municípios brasileiros para se viver, 23 estão em Santa Catarina. O Estado está em terceiro lugar, atrás de São Paulo e Distrito Federal. O índice divulgado com o nome de Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil 2013 leva em consideração as respostas dos brasileiros nos Censos de 1991, 2000 e 2010. Quanto mais perto do número 1 a cidade chega, melhor é a qualidade que oferece aos moradores. Nesse quesito, Florianópolis está bem: em 1991 tinha o conceito 0,681; no ano 2000 passou para 0,766 e, na última análise, pulou para 0,847.

Quem ganha são os moradores da Capital. É o caso da professora Beatriz Meyer de Souza, 60 anos. Ela caminha na avenida Beira-mar Norte, onde costuma contemplar o pôr do sol.

Para ela, a magia do mar pode ser um dos motivos que faz com que Florianópolis tenha qualidade de vida. “Mesmo não dando para tomar banho, por causa da poluição, o mar está aqui. Nos estimula a caminhar, correr, se exercitar. Todos podem desfrutar dele”, disse. E, como muita gente cuida da saúde, isso reflete na longevidade. A mãe dela tem 86 anos. E duas tias estão com 87 e 89 anos. As três, com ótima saúde.

Santa Catarina
Estado tem 23 cidades entre as cem com melhores índices do IDHM do país



Beira-mar Norte. Aos 60 anos, Beatriz se exercita e contempla o visual

Natureza, investimentos e novos moradores

A beleza de Florianópolis é um dos pontos que colocaram a Capital em terceiro lugar no ranking do IDHM. Mas a natureza e a consequente qualidade de vida não são as únicas responsáveis pelo índice positivo.

O professor de geografia econômica da UFSC, José Messias Bastos, observa que desde a década de 1950 Florianópolis passa por um processo de investimentos, principalmente do governo federal. Para ele, a iniciativa foi importante porque na época a Capital declinava

em relação às cidades do interior. “Na década de 1970 houve o grande salto, com a vinda de empresas como a Eletrosul, que trouxe profissionais de grande porte, o que elevou os gastos e exigiu melhorias em todos os contextos da cidade”, afirmou.

Em uma história mais recente, Bastos acredita que a venda da imagem do Florianópolis como destino turístico tem influenciado na vinda de novos moradores. “São empresários de São Paulo e aposentados que querem descanso e segurança”, completou.

Para que serve o IDHM?

O IDHM é um índice que permite conhecer a realidade do desenvolvimento humano dos municípios brasileiros. O índice não abrange todos os aspectos de desenvolvimento humano e não é uma representação da “felicidade” das pessoas, nem indica “o melhor lugar no mundo para se viver”, mas sintetiza três das mais importantes dimensões do desenvolvimento humano: longevidade, educação e renda. O IDHM é acompanhado por mais de 180 indicadores socioeconômicos, que dão suporte à análise.

Como ele é calculado?

Os indicadores do IDHM são obtidos pelos dados extraídos dos Censos Demográficos de 1991, 2000 e 2010.

Como que o IDHM classifica as cidades?

As cidades são divididas em faixas de desenvolvimento humano. Entre zero e 0,499 o IDHM é muito baixo; entre 0,500 e 0,599 a cidade se classifica em muito baixo; na classificação de 0,600 até 0,699 o desenvolvimento é médio; de 0,700 a 0,799 o IDHM é considerado alto e, por fim, de 0,800 até 1 a cidade é classificada de muito alto desenvolvimento humano.

Componentes do IDHM:

- Educação
- Renda per Capita
- Longevidade

Extremos do IDHM

De um lado, cidades do Sudeste e Sul; do outro, cidades do Norte e Nordeste

Melhores índices

1	São Carlos do Sul (SC)	0.862
2	Aguaí de São Pedro (SP)	0.854
3	Florianópolis (SC)	0.847
4	Balneário Camboriú (SC)	0.845
4	Vitória (ES)	0.845

Piores índices

5560	Uiramã (RR)	0.483
5562	Marajó da Serra (MA)	0.483
5563	Atalaia do Norte (AM)	0.480
5564	Fernando Falção (MA)	0.483
5565	Melgaço (PA)	0.482

Colonização reflete nos dias atuais

Os números que deixam Santa Catarina e Florianópolis com conceitos altos dentro do IDHM não são surpresa para o professor de geografia econômica da UFSC, José Messias Bastos. O Estado teve um crescimento expressivo. Em 1991, estava com o índice de 0,543. Depois de 19 anos, o IDHM catarinense passou para 0,776.

Para Bastos, o segredo está na colonização quando o assunto é qualidade de vida, longevidade, renda e educação. Enquanto outros Estados tiveram a base desse período com latifúndios, onde apenas uma

pequena elite, Santa Catarina foi colonizada basicamente por pessoas que desenvolveram o ritmo das pequenas propriedades. “Essa realidade transitou inicialmente pelos açorianos, depois por italianos e alemães, fez com que esses moradores lutassem por melhorias para suas regiões”, observou.

Bastos destaca que hoje o IDHM é um reflexo da forte indústria, da geração de oportunidades e da boa reputação que os catarinenses têm quando comparados a moradores de outros Estados.

Reportagem Especial

MAIS DESENVOLVIDO SC puxa o Brasil

Em duas décadas o Brasil deu um salto de 47,5% no ranking de desenvolvimento humano, saindo do nível “muito ruim” para o considerado “alto”. Isso é o que mostra a última atualização da pesquisa da ONU que lista os 5.565 municípios do país a partir dos índices de longevidade (idade), educação e renda. E Santa Catarina é uma das alavancas do bom resultado: Florianópolis aparece na tabela como a melhor entre as capitais brasileiras – ocupando o terceiro lugar geral, atrás apenas de São Caetano do Sul e Aguas de São Pedro, interior de São Paulo. Outras 10 cidades catarinenses também estão entre as 50 com as médias mais altas do país.

Santa Catarina é uma das alavancas do bom desempenho brasileiro no Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil realizado pela ONU

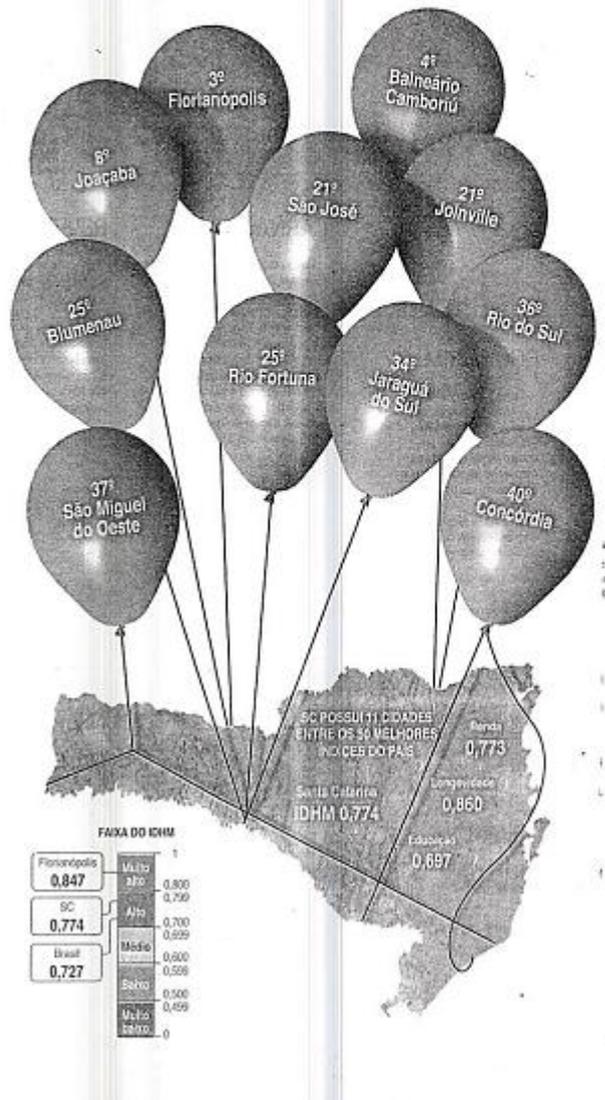
Os dados são do Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil 2013, que tem como base de cálculo os Censos de 1991, 2000 e 2010. Santa Catarina se destaca, principalmente, pelos índices de longevidade – ocupa a segunda posição no ranking das unidades federativas. Isso significa que, em duas décadas, a expectativa de vida aumentou seis anos. Pela escala, passou de 70,16 no primeiro ano da pesquisa para os atuais 76,61 anos.

Para o cálculo da pesquisa foram usados os índices do IDHM (Índice de Desenvolvimento Humano Municipal), que é uma versão local do IDH. Vai de zero a um: quanto mais próximo do zero, pior o desenvolvimento humano do município; quanto mais próximo de um, melhor. Nenhuma cidade catarinense teve média considerada como ruim ou muito ruim. O pior desempenho foi de Cerro Negro, no Oeste, com índice 0,621 – o que representa pontuação média.

Florianópolis teve índice calculado em 0,847, considerado como “muito alto”. Ainda assim, o aumento do IDH nas últimas duas décadas – de 24,18% – não acompanha as médias estadual (42,54%) e nacional (47,9%).

Carlos José Espíndola, professor da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) com pós-doutorado em Geografia Humana, diz que a qualidade de vida em SC tem atizado cada vez mais novos moradores – principalmente na que ele chama de faixa litorânea, que concentra 30% das riquezas e metade da população. E explica que se o Estado não estiver preparado para receber tanta gente, com infraestrutura suficiente, o “inchaço”, no futuro, pode representar um risco para os bons índices.

– E como numa balança, às vezes um índice sobressai o outro e a pontuação se inverte. Mas deve-se ter atenção: quanto mais gente nas cidades, mais pacientes nos hospitais, mais crianças na escola e mais carros nas ruas. Precisamos nos preparar se quisermos continuar no ranking dos lugares com mais qualidade de vida para se morar.



(continua na próxima página)

para cima

Florianópolis entre as cinco do IDHM Educação

Florianópolis está entre as cinco únicas cidades brasileiras - de um total de 5.365 - que alcançaram o conceito de "muito alto desenvolvimento humano" no IDHM Educação. Com o índice de 0,800 a Capital catarinense ficou em 5º lugar no ranking.

Quando comparado com o resultado de 2000, o IDHM Educação de Florianópolis aumentou em 21,31%. Ele era de 0,660 já levando em conta a nova metodologia adotada que dá peso maior para o percentual de crianças que estão na escola. Neste quesito, Florianópolis apresentou 93,06% de crianças entre 5 e 6 anos na escola em 2010.

Entre alunos de 11 e 13 anos, 93,09% frequentavam a escola. O crescimento comparado a 2000 foi ainda maior: 24,29%. Ainda foram levados em conta fatores como quantidade de estudantes frequentando sem atraso os ensinos fun-

damental e médio e o grau de escolaridade da população adulta.

Para o presidente do Conselho Municipal de Educação, Leônidas José Martins Filho, é possível destacar na educação de Florianópolis pontos fortes como profissionais comprometidos com uma boa formação inicial e atualização permanente. Ele também resalta a gestão eficiente nas escolas e na Secretaria Municipal de Educação. Mas há ainda aspectos a serem melhorados, como aumentar vagas na educação infantil que atende de 0 a 5 anos, garantir processo sólido de alfabetização, além de se investir na formação de gestores escolares.

Já o IDHM Educação do Estado alcançou o nota 0,697 o que é considerado "médio desenvolvimento". É o terceiro maior índice do país, atrás do Distrito Federal (0,742) e São Paulo (0,719).

“

MARCO AURÉLIO COSTA

Coordenador do Flin pelo Ipea

Se a expectativa de vida é tão alta é porque existe mortalidade infantil baixa. É um destaque positivo, o que ajudou a pular para cima o Índice de Desenvolvimento Humano geral dos municípios do Estado.

O Vale esconde um segredo

Se há algum segredo para longevidade, está escondido no Vale do Itajaí. Balneário Camboriú, Blumenau, Brusque e Rio do Sul são as cidades com maior expectativa de vida no Brasil: 78,6 anos para quem nasce por aqui. O índice destas quatro cidades é de 0,894 - sendo que a pontuação máxima que pode ser atingida é 1 - , é maior que o de outras 5.360 cidades brasileiras. O IDHM é resultado do cruzamento de mais de 180 indicadores socioeconômicos do IBGE e é dividido em três dimensões: a longevidade, o acesso à educação, e o padrão de vida.

Sacola cheia de frutas recém-compradas na feira livre em frente ao Parque Vila Germânica, em Blumenau, Werner Frischknecht, 72 anos, aponta na alegria como segredo de viver por mais tempo. O aposentado que canta em dois corais e ainda trabalha, brinca com a idade: invertendo os números, tem apenas 27 anos. Para a longevidade dos moradores do Vale, Werner tem palpites:

- Temos um povo trabalhador e festas. Quem tem o que fazer, com o que se ocupar, vive mais. Talvez, por isso, aqui vamos mais longe.

Para o coordenador do Programa de Educação Permanente (Proep) da Universidade da Região de Blumenau (Furb), Fábio Matos, a cultura do empenhimento saudável pode explicar os índices de longevidade na região.

- Os próprios idosos buscam melhores formas de envelhecer. As políticas públicas ainda estão muito longe das ideais, mas estão muito melhores do que eram no passado. Os idosos de hoje são proativos; fazem cursos de atualização, têm mais acesso à saúde, educação, mobilidade. Estes são fatores que acabam aproximando o índice destas quatro cidades com índices tão altos, além do predomínio de algumas emittas - detalia o coordenador do curso, que estudou o envelhecimento ativo.

O geriatra Ricardo Kosowski acredita que a expectativa média de 78,6 anos é muito alta e acrescenta outros fatores que contribuem para o número como qualidade das moradias e boas condições sanitárias. Além disso, Kosowski reforça que a baixa mortalidade infantil e de jovens também compõem o índice.

”

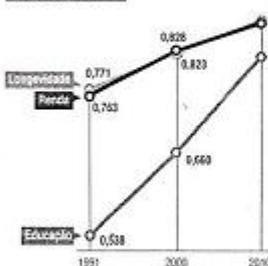
LONGEVIDADE

As 10 cidades com maior IDHM longevidade são catarinenses

- ▶ Balneário Camboriú (4ª geral)
- ▶ Blumenau (2ª geral)
- ▶ Rio do Sul (3ª geral)
- ▶ Brusque (5ª geral)
- ▶ Rancho Queimado (48ª geral)
- ▶ Rio do Oeste (46ª geral)
- ▶ Joazeiro (8ª geral)
- ▶ Itomerê (5ª geral)
- ▶ Porto União (8ª geral)
- ▶ Nova Trento (53ª geral)

SC aumentou a expectativa de vida em cerca de seis anos desde 1991

FLORIANÓPOLIS



OS PILARES DO IDHM

Longevidade

Uma vida longa e saudável é medida pela expectativa de vida.

Educação

O acesso ao conhecimento é medido pela média de anos de educação de adultos e pela expectativa de anos de escolaridade para crianças na idade de início a vida escolar - se as crianças presenciam de fato o ensino fundamental de base, em outras palavras, se elas permanecem os mesmos durante a vida de criança.

Renda

O padrão de vida é medido pela Renda Nacional Bruta (RNB) per capita expressa em poder aquisitivo constante, em dólar, tendo 2005 como ano de referência.

Média por ano

0,831

1991

0,768

2000

0,817

2010

FÁBIO MATOS

Coordenador do Proep da Furb

Os próprios idosos buscam melhores formas de envelhecer. As políticas públicas ainda estão muito longe das ideais, mas estão muito melhores do que eram no passado.

Curso: Ciências da Computação

Joias raras

CÂMILA PÉNNIA

camilapenna@diario.com.br

A dependência da sociedade em relação a computadores e a sistemas informatizados eleva os profissionais dessa área a joias no mercado de trabalho. No caso do cientista da informação, que atua principalmente no desenvolvimento de softwares, programas e aplicativos, é preciso estar atento às constantes mudanças e atualizações do setor, principalmente no campo da telefonia móvel. Para conhecer de perto essa realidade, dois estudantes conheceram Dayana Spagnuolo, que se formou em 2011 no curso de graduação em Ciências da Computação da UFSC e faz mestrado na área de segurança em computação.



Vinícius de Freitas, 17 anos, e Rafael Maschio, 16 anos, estão de olho em uma vaga no curso Ciências da Computação

O bate-papo

Vinícius de Freitas - Quais as principais diferenças entre Ciências da Computação, Engenharia de Computação e Análise de Sistemas?

Dayana Spagnuolo - Os três podem atuar na mesma área. Em Ciências da Computação se estuda mais a fundo a área de computação, com foco na criação de softwares. O estudante de Engenharia de Computação foca mais nos componentes físicos, no hardware, projetando computadores e equipamentos para diversos setores. O analista de sistemas vai se voltar mais para o desenvolvimento de sistemas informatizados e programação. É um pouco mais técnico.

Rafael Fabrício Maschio - Não sou muito bom em Matemática. Vou ter dificuldade no curso?

Dayana - A matemática que estudamos no curso é diferente da que vemos no ensino médio. O estudo mais tradicional, com cálculos e teoria vai até mais ou menos a quarta fase. Depois você começa a aplicar mais o que estudou, vê a matemática na computação. Nas provas precisamos provar tudo matematicamente. Isso é um dos aspectos mais difíceis para os alunos nas primeiras fases. Na hora de fazer o trabalho de conclusão de curso, a maioria dos alunos tem muita dificuldade para escrever o relatório sobre o projeto desenvolvido.

Vinícius - Como funciona a questão da regulamentação do cientista da computação?

Dayana - Isso é um ponto muito discutido. Alguns defendem que a regulamentação é uma proteção ao profissional, pois garante piso salarial e outros benefícios. Por outro lado, muitos profissionais não graduados desenvolvem softwares. Não vejo essa questão sendo resolvida tão cedo.

Rafael - Você recomendaria fazer estágio?

Dayana - Sim, é uma ótima maneira de ter contato com o mercado de trabalho e aprender na prática. Meu primeiro estágio foi em um laboratório do

curso de Engenharia Mecânica da UFSC e depois trabalhei na Udesc com desenvolvimento de sistemas para educação à distância.

Vinícius - Existem muitas oportunidades para fazer intercâmbio no curso?

Dayana - Quando eu estava na graduação não era tão comum quanto agora, depois do surgimento do programa Ciência sem Fronteiras (CsF), que foca em cursos de exatas de tecnologia. Muitos estudantes procuram universidades nos Estados Unidos, como o Massachusetts Institute of Technology (MIT) e a Universidade de Stanford.

(continua na próxima página)



Por dentro da carreira

OPÇÕES DE ATUAÇÃO

Quem se forma em Ciências da Computação pode trabalhar com desenvolvimento de softwares em três plataformas principais: fixas, que seriam os computadores em si; a web, com aplicativos para sites na internet; e as plataformas móveis, como os smartphones. O coordenador do curso de graduação em Ciências da Computação da UFSC, Vitor Bruno Mazzola indica que o profissional pode atuar como programador, gerente de projetos, administrador de sistemas (redes, bancos de dados, sistemas de informação) e engenheiro de software.

Também é possível trabalhar com inteligência artificial, ramo da Ciência da Computação que busca elaborar dispositivos que simulam e aumentam a capacidade humana de raciocinar, tomar decisões e resolver problemas. O desenvolvimento de jogos também é uma alternativa, assim como a computação gráfica e a criação de sistemas e softwares para a educação à distância.

O QUE É MAIS DIFÍCIL

Como a área é muito dinâmica, com mudanças que ocorrem o tempo todo, o profissional precisa se manter atualizado e acompanhar esse ritmo.

DO QUE PRECISA GOSTAR

Para Dayana, é preciso estar preparado para enfrentar longas jornadas de estudo durante a graduação.

— O curso está longe de ser impossível, mas também não é fácil — destaca.

Gostar de desafios também é uma característica importante. O professor Vitor Mazzola reforça a importância de aprender sobre o funcionamento dos componentes de um computador, tanto a nível do hardware, quanto do software. E estar disposto a dedicar horas à atividade de aprendizado e uso das diversas linguagens de programação.

DISCIPLINAS

Tanto na UFSC como na Universidade Estadual de Santa Catarina (UDESC), a graduação dura oito semestres. Na UDESC

o curso é oferecido no campus de Joinville. A Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) também oferece o curso. A versão diurna tem duração de oito semestres e a noturna leva 10.

O chefe do departamento de Ciências da Computação da UDESC, Carlos N. Vitorazzi Jr., explica que no primeiro ano a análise é em fornecer aos alunos um sólido embasamento matemático e nos fundamentos básicos da área da computação (algoritmos e programação). No segundo e terceiro anos há um aprofundamento nos conceitos técnicos da computação ao mesmo tempo em que o aluno passa a ter contato com áreas mais específicas, tais como engenharia de software, redes, inteligência artificial e computação gráfica.

MERCADO DE TRABALHO

Não faltam empregos na área. Santa Catarina e Florianópolis, em especial, tem um mercado em ascensão. O professor Vitor Mazzola afirma que o mercado de trabalho nesta área é um dos mais carentes de profissionais no Brasil.

— A cada dia novas empresas são implantadas, com produtos inovadores e, à medida que vão evoluindo, a demanda por estes profissionais cresce. No que se refere a Santa Catarina, embora tenhamos cursos de qualidade, as universidades não conseguem formar a quantidade necessária para suprir o mercado da região — explica Mazzola.

O professor Carlos Vitorazzi Jr. aponta que Joinville também é um polo de desenvolvimento de software e grande parte dos alunos já está empregado antes mesmo de concluir o curso.

SALÁRIO INICIAL

Como a profissão de cientista da computação não é regulamentada, não existe um piso salarial estipulado. De acordo com o professor Vitor Mazzola, um profissional iniciante recebe entre R\$ 3 mil e 6 mil. Um profissional chega a ganhar mais de R\$ 7 mil, dependendo da experiência e da responsabilidade do cargo.



“Há alguns anos começaram a surgir muitas incubadoras em Santa Catarina, uma empresa foi atraiada a outra. Em princípio eram pequenas, mas hoje são empreendimentos como o Parque Tecnológico Alfa e o Sapiens Parque, por exemplo, empresas de grande porte que oferecem muitas oportunidades para quem se forma na área.”

**DAYANA SPAGNOLATO, 23 ANOS
CIENTISTA DA COMPUTAÇÃO**

Diário Catarinense – Vestibular “Intercambiando”

Intercâmbio / Convênio UFSC e Universidad de León / Relações Internacionais / Comércio Internacional / Amanda Caroline Nunes de Avelar



Amanda passou o primeiro semestre deste ano estudando fora do país.

León Espanha

Depois de um intercâmbio social no início de 2012, a estudante de Relações Internacionais da UFSC Amanda Caroline Nunes de Avelar, 21 anos, decidiu que havia chegado a hora de investir mais na vida acadêmica. Apesar de a decisão ter parecido um pouco precipitada na época, ela tinha uma certeza: fazia um intercâmbio acadêmico para a Espanha. Por meio de um convênio bilateral entre a Universidade de León e a UFSC, Amanda passou o primeiro semestre deste ano estudando na cidade ao noroeste da Espanha. Confira o relato da estudante:

ESCOLHA DO PAÍS

A decisão foi muito fácil. Meu objetivo principal era aprender o espanhol e conhecer o país que desde pequena me encantava. Entretanto, escolher a cidade parecia um desafio. As universidades conveniadas à UFSC não ofereciam o curso de Relações Internacionais ou disciplinas afins que eu pudesse agregar ao meu currículo. Encontrai, então, a Universidad de León, que oferecia o curso de Comércio Internacional. A escolha das disciplinas foi um pouco difícil, mas ao ler as ementas muitas que me acrescentariam conhecimentos mais aprofundados sobre Economia e Integração Europeia, Investigación de Mercados Cross-Cultural, Dirección Internacional da Empresa e Teoría e Política do Comércio Internacional.

VIDA LEONESA

Viver em León me encantou. É uma cidade pequena, muito bem estruturada e que pode ser cruzada de um lado a outro em 30 minutos caminhando. Ao redor de sua catedral imponente, muitas bares e restaurantes servem as famosas tapas, tradicionais porções de petiscos que acompanham um copo ou canha de cerveja e outras bebidas. Lá as pessoas costumam comer muito derivados da carne do porco, como presunto e bacon, além da tradicional paella. Depois da refeição rica em proteínas e carboidratos, toda León

pode desfrutar da vista. O comércio fecha e os serviços públicos param de funcionar para que o povo possa descansar tranquilamente. Ao final da tarde nada como um passeio no bairro Hamedo. Balmos das tapas, da reunião com os amigos e das festas.

AMIZADES

Conhecer pessoas de todas as partes do mundo, outros idiomas e maneiras de se levar a vida, conviver com as diferenças e ver florescer amores e amizades tudo na vida do intercâmbia favorece a formação de grupos de amigos, que se tornam nossas famílias. De tudo que faz parte do meu intercâmbio, o mais importante são as amizades que fiz.

RESULTADOS

Adquiri muitos conhecimentos em relação às disciplinas que estudei e que não poderia cursar na minha universidade no Brasil. Tenho agora um vocabulário muito mais amplo e, ao viver sozinha, desenvolvi responsabilidade, como cuidar da casa e cuidar do meu orçamento. Ao conviver com outras pessoas aprendi a respeitar ainda mais as diferenças e preservar o espaço do próximo. E, acima de tudo, ao viver em León aprendi que “uno no es de donde nace, sino de donde pade”, provérbio espanhol que significa que as pessoas não são de onde nascem, mas de onde constroem suas vidas.

Notícias veiculadas em meios impressos, convertidas para o formato digital, com informações e opiniões de responsabilidade dos veículos.

CLIPPING DIGITAL

Clipping dia 29/7/2013

[UFSC lança nesta terça edital para uso de três fortalezas de Florianópolis](#)

[UFSC abre edital para ocupação de três fortalezas em Florianópolis](#)

[Falta de pinhão é sentida em todos os supermercados de Brusque](#)

Clipping dia 30/7/2013

[A editora despejada](#)

[Cientista da computação deve estar atento às constantes atualizações da área](#)

[Abre inscrições para o curso de Controle da Gestão Pública em Pouso Redondo](#)

[Empresa de Florianópolis é a única de SC selecionada para o programa Start-up Brasil](#)